

## CIRCUNSCRIÇÕES DO HUMANO NO DIVINO: A CONCEPÇÃO BRUNIANA DE INFINITO

Ariel Montes Lima<sup>1</sup>  
Karine Krewer<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo explora a concepção de infinito de Giordano Bruno, destacando suas dimensões espaciais, temporais e metafísicas. Bruno, filósofo renascentista, desafiou a visão medieval do cosmos, propondo um universo infinito e panteísta. Este estudo baseia-se em uma análise bibliográfica das obras de Bruno e de interpretações críticas, discutindo como sua formação teológica e filosófica moldou suas ideias revolucionárias sobre o infinito.

**Palavras-chave:** Giordano Bruno. Infinito. Panteísmo. Cosmos. Renascimento. Filosofia.

**ABSTRACT:** This paper explores Giordano Bruno's conception of infinity, emphasizing its spatial, temporal, and metaphysical dimensions. Bruno, a Renaissance philosopher, challenged the medieval view of the cosmos, proposing an infinite and pantheistic universe. This study is based on a bibliographic analysis of Bruno's works and critical interpretations, discussing how his theological and philosophical background shaped his revolutionary ideas on infinity.

**Keywords:** Giordano Bruno. Infinity. Pantheism. Cosmos. Renaissance. Philosophy.

10141

### INTRODUÇÃO

Sondar as limitações do pensamento humano é *per se* um desafio. Tal dificuldade exponencia-se quando nos propomos a estudar as ideias de um autor do porte de Giordano Bruno, cuja complexidade de suas ideias precede seu nome. Ainda mais, se o tema sobre o qual versamos é inherentemente vasto: o Infinito. Nas palavras de Antiseri e Reale (1990, p. 157-168),

Bruno é certamente um dos filósofos mais difíceis de entender. E, no âmbito da filosofia renascentista, certamente é o mais complexo. Daí as exegeses tão diversas que foram propostas sobre ele. (...)

[Afinal] A defesa que ele fez da revolução copernicana fundamentou-se em bases totalmente diferentes daquelas em que se baseara Copérnico, tanto que alguns chegaram até a levantar dúvidas de que Bruno realmente tenha entendido o sentido científico daquela doutrina (Antiseri; Reale, 1990, p. 157-168-grifos meus).

<sup>1</sup>Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT.

<sup>2</sup>SEDUC-MT.

Nesse sentido, o presente artigo pretende analisar a concepção nolana<sup>3</sup> de Infinito, a partir da relação sujeito-tempo a partir da qual emerge a filosofia de Bruno. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica.

## DESENVOLVIMENTO

Giordano Bruno, nascido Filippo Bruno em Nola, Itália, em 1548, foi um filósofo, matemático e astrônomo renascentista cujas ideias desafiaram as concepções medievais de mundo, divindade e realidade, colocando-o em conflito com as autoridades religiosas da época (Gatti, 2002). Originalmente um frade dominicano, Bruno abandonou a ordem religiosa devido às suas crescentes divergências teológicas e filosóficas, embarcando em uma vida de viagens e estudos que o levaram a várias cidades europeias, como Londres e Veneza.

Bruno é conhecido por suas visões cosmológicas revolucionárias que expandiram e desafiaram as concepções limitadas do universo prevalecentes em seu tempo. Influenciado por Nicolau Copérnico, o filósofo propõe que o universo era infinito e que as estrelas eram outros sóis com seus próprios sistemas planetários, possivelmente habitados (Bruno, 2009). Essa visão cosmológica, que negava a ideia de um universo geocêntrico e fechado, estava em total desacordo com a doutrina da Igreja Católica e com a física aristotélica dominante, o que resultou em conflitos ideológicos que o conduziram a sofrer processo pelo Tribunal da Santa Inquisição. 10142

Ademais, as bases de sua filosofia se enraizam em uma visão panteísta e neoplatônica do mundo, na qual ele via Deus como uma força presente em toda a natureza e não separada dela. Para Bruno, a divindade estava imbuída em todos os aspectos do universo, o que o levava a considerar a natureza como uma manifestação do divino. Essa perspectiva panteísta influenciou profundamente sua concepção do infinito (*idem*).

Dessarte, o conceito de infinito em Bruno é um dos pilares centrais de sua filosofia. Ele argumentava que o universo era ilimitado tanto espacial quanto temporalmente, sem um centro e sem bordas. Essa ideia contrastava fortemente com a visão medieval de um cosmos finito e hierarquicamente ordenado. Bruno via a infinitude do universo não apenas em termos físicos, mas também espirituais, sugerindo que a infinitude divina se refletia na estrutura do cosmos. Ele defendia que essa infinitude permitia a existência de uma pluralidade de mundos, cada um com suas próprias leis naturais e, potencialmente, suas próprias formas de vida.

Bruno foi um precursor do pensamento moderno, desafiando a ortodoxia e avançando ideias que influenciariam futuros desenvolvimentos na ciência e filosofia. De seu conflito com a Inquisição, derivou o processo e, em 1600, após um longo período de prisão e tortura, Giordano Bruno foi condenado por heresia e queimado na fogueira em Roma, tornando-se um mártir do livre pensamento e da liberdade intelectual (Firpo, 1993).

Nesse sentido, a definição de infinito para Giordano Bruno é complexa, abrangendo distintos aspectos do Universo pensado/compreendido pelo estudioso. O conceito de infinito em Bruno, destarte, pode ser compreendido em diferentes dimensões, a saber: espacial, temporal e metafísica.

Em termos de infinitude espacial, Bruno concebe o universo como infinitamente vasto, desprovido de centro e bordas. Essa ideia contrasta radicalmente com a visão medieval de um cosmos finito, centrado na Terra. Inspirado pelo modelo heliocêntrico de Copérnico, Bruno ampliou essa visão ao propor que o universo continha um número infinito de mundos semelhantes ao nosso, cada um orbitando seu próprio sol. Ele argumentava que não havia razão lógica ou empírica para limitar a criação de Deus a um único sistema solar. Portanto, a infinitude espacial do universo implica uma infinidade de estrelas e planetas. Nas palavras do filósofo:

10143

Nenhum dos sentidos nega o infinito, visto que não o podemos negar, pelo fato de não compreendermos o infinito com os sentidos; mas, como os sentidos são compreendidos por ele e a razão vem confirmá-lo, somos obrigados a admiti-lo. Aliás, se considerarmos mais atentamente, os próprios sentidos o põem infinito, porque sempre vemos uma coisa compreendida por outra e jamais perceberemos, nem com os sentidos externos nem com os sentidos internos, uma coisa não compreendida por outra, ou algo parecido (Bruno, 1972, p. II).

Dessa forma,

[...] cada objeto parece limitar outro objeto: o ar limita as colinas, os montes limitam o ar, e a terra o mar, e, por seu turno, o mar delimita todas as terras; mas, na verdade, nada há, para além do todo, que lhe sirva de limite. Efetivamente, por todo o lado, abre-se às coisas, em toda direção, um espaço sem limites (*Idem*, p. II).

A respeito desse tópico, Yates (1997, p.269) questiona a compreensão bruniana do pensamento de Copérnico: “A verdade é que, para Bruno, o diagrama copernicano é um hieróglifo, um selo hermético que ocultava mistérios divinos, cujo segredo ele capturara”.

Por outro lado, Baracat Filho, em sua dissertação intitulada *O Infinito segundo Giordano Bruno contrapõe-se ao pensamento de Yates*. Segundo o autor,

Bruno foi leitor atento de Copérnico e o teve em grande consideração, apesar de não se ater ao heliocentrismo, que tomou somente como referência, pois, para ele, o astrônomo polonês, apesar de ser um matemático genial, foi indiferente à extensão do significado de suas descobertas sobre o movimento da Terra. Além disso, Copérnico deslocou o centro do universo da Terra para o Sol, mas Bruno disse que isso era um erro, já que o universo é infinito e não tem centro em lugar nenhum ou o tem em qualquer lugar (Baracat Filho, 2009, p. 18)

Nesse sentido, prossegue o autor:

Bruno foi o primeiro filósofo a defender a existência do infinito em ato, na dimensão do sensível e do supra-sensível, para além do tempo e do espaço, tanto no âmbito cosmológico quanto no antropológico, confrontando com o pensamento aristotélico, que admitiu o infinito somente em potência (*idem*).

Seguindo essa perspectiva, além de um espaço infinito, Bruno acreditava em um tempo infinito. Ele rejeitava a ideia de uma criação única e finita, propondo que o universo não teve um começo e não terá um fim. Essa noção de eternidade contrasta com as narrativas religiosas tradicionais que descrevem uma criação específica no tempo. Para Bruno, o universo está em constante transformação, sem um momento de criação inicial ou um fim final.

No nível metafísico, o infinito de Bruno é intimamente ligado ao seu panteísmo. Ele via Deus como uma força presente em toda a natureza, imbuída em cada parte do universo. Para Bruno, o infinito não era apenas uma característica física do cosmos, mas também uma expressão da infinitude divina. Deus, sendo infinito, criou um universo igualmente infinito que reflete sua natureza ilimitada. Isso significa que cada parte do universo contém um aspecto do divino, tornando todo o cosmos sagrado.

A crença de Bruno em um universo infinito tinha implicações filosóficas profundas. Ela desafiava a visão aristotélica de um cosmos finito e hierarquicamente ordenado, propondo em vez disso um universo homogêneo e isotrópico, onde nenhuma parte é mais central ou mais importante que outra. Essa visão influenciou futuros desenvolvimentos na ciência e filosofia, abrindo caminho para uma compreensão moderna do cosmos.

As ideias de Bruno sobre o infinito não eram meramente teóricas; elas tinham implicações teológicas e filosóficas que o colocaram em conflito direto com a Igreja Católica. Ao afirmar a infinitude do universo e a pluralidade dos mundos, ele desafiava a centralidade da Terra e a singularidade da criação humana, ideias que eram fundamentais para a doutrina religiosa da época. Esse desafio às crenças estabelecidas contribuiu para sua condenação por heresia e subsequente execução em 1600.

Em resumo, o conceito de infinito para Giordano Bruno abrange a vastidão ilimitada do espaço, a eternidade do tempo e a infinitude divina presente em toda a criação. Sua visão revolucionária rompeu com as concepções limitadas de seu tempo, propondo um cosmos vasto e dinâmico que refletia a natureza infinita do divino.

Não obstante, como apontam Bakhtin e Volochinov (2006), os enunciados não se constituem, senão em relação direta com o continuum comunicacional, a “cadeia comunicativa”, tal que a produção de um texto pressupõe a sua participação -e, por vezes, retomada- de outros enunciados diversos que o precederam. Nesse sentido, a formação educacional e cultural de Bruno pode ter vindo a influir na concepção de suas ideias a respeito do Infinito.

Supondo, desse modo, que o mundo exista, apesar do sujeito, é possível pensarmos que a experiência do sujeito parece exercer uma influência *a priori* para aquele que experimenta a realidade. É dizer: uma internalização do que a razão corrente naquela sociedade define como real. Todavia, tudo o que o sujeito recebe já existia antes de sua vivência, cuja execução foi realizada através da observação e contínuo desenvolvimento. Portanto, a suposta lógica racional não figuraria como nada além de uma cadeia de representações compartilhadas (Lima, S.n., 2024)

10145

Assim sendo, não se pode desconsiderar o fato de que a formação Intelectual e Teológica do autor exerceu influência em seu pensamento -ainda que sua originalidade em relação aos que o precedem seja destacada. Afinal, Bruno foi educado dentro de uma tradição teológica que, apesar de suas críticas e rejeições, influenciou suas concepções filosóficas. Seu panteísmo, por exemplo, pode ser visto como uma reconfiguração das ideias neoplatônicas e cristãs, em vez de uma ruptura total. Outrossim,

suas posições representam uma crítica radical ao pensamento cosmológico aristotélico-ptolomaico, ainda vigente na segunda metade do século XVI. Associada às observações e aos cálculos astronômicos de Ptolomeu e Manilio, a cosmologia de Aristóteles estava, também do ponto de vista conceitual, firmemente ancorada nas ideias da imobilidade e centralidade da terra, da heterogeneidade e da hierarquia entre o mundo sublunar (terrestre) e supralunar (celeste) [...] (Bombassaro, p. 255, 2017).

Nesse sentido, embora Bruno tenha desafiado muitas crenças estabelecidas, ele ainda operava dentro de um quadro de resistência ao dogmatismo que, paradoxalmente, refletia os próprios dogmas e heranças culturais que ele procurava superar. Essa perspectiva emerge na filosofia bruniana, uma vez que sua visão do infinito era, em certo sentido, uma extração

das ideias contemporâneas sobre a grandeza e a perfeição divina. Sobre tal perspectiva, é sabido que

Apesar de sua crítica violenta às doutrinas aristotélicas e cristãs, Bruno reafirma aqui a validade do princípio da infinitude divina, fazendo confluir para sua cosmologia tanto as concepções copernicanas quanto suas próprias ideias sobre a unidade e a infinitude do universo. A divindade não pode estar fora do mundo. É no plano da imanência que se mostra o efeito infinito da infinita causa (*idem*).

Ademais, a linguagem utilizada por Bruno para descrever o infinito era limitada pelas possibilidades expressivas do seu tempo. Afinal, o autor dependia de metáforas, conceitos e termos que tinham conotações específicas dentro da cultura renascentista, o que pode ter limitado a originalidade e a recepção de suas ideias.

O infinito não seria plenamente cognoscível, senão que o que temos *al fin y al cabo*, não serão mais do que definições e concepções inherentemente humanas. Assim, o Infinito bruniano teria por imperativo ser interpretado enquanto uma formulação histórica e filosoficamente constituída em diálogo com as que a precederam. Essas circunscrições, contudo, se apresenta enquanto um limite que insere o conceito de infinito em uma realidade histórico e socialmente constituída, tal que sua formulação não emerge enquanto um conceito estritamente filosófico, mas como uma formação discursiva que se constitui a partir da oposição às ideias que a antecedem. 10146

## CONCLUSÃO

O presente ensaio abordou a concepção bruniana de infinito, enfatizando sua complexidade e as múltiplas dimensões em que se manifesta. Giordano Bruno, filósofo renascentista, desafiou as limitações do pensamento medieval ao propor um universo infinito em termos espaciais, temporais e metafísicos. Sua visão panteísta, que concebe Deus como uma força presente em toda a natureza, sustentando a ideia de um cosmos amplo, desprovido de posições estáticas (como centro ou borda), refletindo a infinitude divina e, por extensão, a multiplicidade de mundos.

Com efeito, Bruno não apenas expandiu o pensamento heliocêntrico de Copérnico ao sugerir a existência de inúmeros mundos habitados, mas também contestou a visão aristotélica de um universo finito e hierarquicamente ordenado. Seus postulados sobre a eternidade do universo, negando um início ou fim definitivos, e proposições acerca da infinitude divina se

manifestavam na estrutura infinita do cosmos. Essa perspectiva desafiava as doutrinas religiosas de sua época, resultando em sua condenação pela Inquisição e execução em 1600.

Apesar de sua originalidade, o pensamento de Bruno foi moldado por sua formação teológica e intelectual, bem como pela resistência ao dogmatismo vigente. Sua concepção do infinito, enquanto revolucionária, deve ser vista como uma reformulação das ideias neoplatônicas e cristãs, operando dentro das limitações expressivas e culturais do Renascimento. A complexidade do infinito bruniano, portanto, reside em sua formulação histórica e filosófica, sendo um diálogo contínuo com as tradições que o precederam.

## REFERÊNCIAS

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. Volume 1. Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARACAT FILHO, Antonio Abdalla. **O Infinito segundo Giordano Bruno**. Universidade Federal de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte. 2009.

BOMBASSARO, Luiz Carlos. Giordano Bruno, Universo Infinito e Finitude Humana. PINTO, F. Magalhães, BENEVUTO, Flávia, **Filosofia, Política e Cosmologia: ensaios sobre o Renascimento**, São Bernardo do Campo, SP, Editora UFABC, 2017. 10147

BRUNO, Giordano. **De l'infinito, universo e mondi**. Zanichelli Editore. Itália. 2009.

BRUNO, Giordano. **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Trad. Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1972 (Os pensadores).

FIRPO, Luigi. **Il processo di Giordano Bruno**. Itália: Editrice Collane, 1993.

GATTI, Hilary. **Giordano Bruno and Renaissance Science: Broken Lives and Organizational Power**. Cornell University Press, 2002.

LIMA, Ariel Montes. O mundo *a posteriori*: considerações sobre a experiência humana. **Revista Casa D'Italia** – Ano 5, n. 39, 2024 – ISSN: 2764-0841. Juiz de Fora, Minas Gerais.

YATES, Frances Amelia. **Giordano Bruno e a tradição hermética**. Tradução de Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Cultrix, 1997.